



13-500

Biblioteca Nacional
Serviço de Depósito Legal
L I S B O A - 2



POVO ALGARVIO

Director, Editor e Proprietário:
Manuel Virginio Pires

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA



PRAIA DE ALBUFEIRA — interessante recanto turístico algarvio

QUESTÃO DE PONDERAR

NO Congresso Nacional de Turismo, onde o Algarve não podia deixar de ocupar uma posição sobejamente importante, o sr. Neves Franco, digno Presidente da Comissão de Turismo e Propaganda da Casa do Algarve, focou um dos problemas que mais preocupações infundem no pensamento de todos os algarvios que merecem o cantinho abençoado onde o destino os fez nascer.

Que resultará, num futuro próximo, da venda dos mais invejáveis terrenos, a entidades fora da província e sobretudo a estrangeiros?

A primeira vista, a questão parece não ter importância de maior, pois as vendas que se têm feito ou estão em transe de efectuar-se constam de pequenas parcelas.

Mas as pequenas parcelas, somadas, já atingem área considerável e, como dia a dia aparecem novos casos de proprietários que põem o seu campo em almoeda, dentro em pouco os interesses da lavoura e a economia geral da província necessariamente se encontrarão gravemente afectados.

Talhões férteis do agro mais produtivo vendem-se nem se

EMPRÉSTIMOS AOS TRABALHADORES feitos pelas CAIXAS DE PREVIDÊNCIA

Realizou-se no dia 19 do corrente, na Secretaria Notarial de Faro, mais uma escritura de empréstimo para construção, ao abrigo da Lei 2.092, em que foram outorgantes o sr. dr. Ilídio Fernandes das Neves, como Presidente da Comissão Organizadora da Caixa de Previdência do Distrito de Faro e o sr. José Figueiras da Glória, beneficiário da mesma Caixa, domiciliado em Lagos.

O empréstimo concedido foi de 50 000\$00, importância esta destinada à construção de habitação própria do sr. José Figueiras da Glória, em Lagos, no sítio de Santo Amaro, a que corresponderá a amortização mensal de 204\$90.

Além dos empréstimos já concedidos com a mesma finalidade, para as progressivas cidades de Lagos e Portimão, muitos outros correm os trâmites normais, de que beneficiarão outras localidades algarvias em especial a vila de Olhão.

Como nota final não podem deixar de relevar-se os benefícios trazidos pela referida Lei aos trabalhadores das classes mais modestas que, muito legitimamente, aspiram a construir e a viver no seu próprio lar.

sabe para quê, mas do modo generoso como são paços, depreende-se que não irão ser explorados para fins agrários.

Continua na 3.ª página

AGRADECIMENTO à IMPRENSA REGIONAL

O Grémio Nacional da Imprensa Regional recebeu um amável ofício do sr. Dr. José Venâncio Paulo Rodrigues, ilustre Subsecretário de Estado na Presidência do Conselho, a transmitir, por incumbência de Sua Ex.ª o Presidente da República, o muito apreço do Chefe do Estado pela forma como os órgãos da Imprensa, representados pelo Grémio Nacional da Imprensa Regional, cumpriram a sua relevante missão prestando alto serviço ao País mediante uma completa informação acerca da visita presidencial a Moçambique, Angola e Príncipe.

SEM PAPAS NA LÍNGUA

O sr. que eu não quero dizer que tem feito em Tavira o lamentável dislate de prègar grosseiramente nas colunas do «Povo Algarvio», escondido misteriosamente nas suas preferidas letras «F.G.», demonstrando assim temor ou vergonha — ficando apenas com a sua arcaica e visguenta língua de trapo, de fora — acaba de publicar no n.º 1584, mais uma vez, extensa revoada de asneiras, tentando ridicularizar muitas pessoas sensatas!

Na minha qualidade de militar habituado a uma disciplina sã, útil e respeitosa com cujo comportamento exemplar estou condecorado, vou responder pela última vez a tão douto senhor, mas revestido da maior calma, respeitabilidade e comiserção:

V. Ex.ª, sr... «F.G.», afirma-se velhinho, pois diz-se do tempo em que as mulheres algarvias usavam a enxaravia,

TROVA

Bem cedo murchando vão
As ilusões amorosas:
A mais ardente paixão
Não dura mais do que as rosas!
João Penha

EFEMÉRIDES GONÇALINAS NA PISTA DO PROCESSO DE BEATIFICAÇÃO E CANONIZAÇÃO DE S. GONÇALO DE LAGOS

O culto de S. Gonçalo de Lagos, esquecido e abandonado durante tantos anos, ecoa hoje de forma bastante diferente da que ecoava no ano de

PELO
Dr. J. Fernandes Mascarenhas

1942 quando renascia em Lagos, qual «Fénix saindo das cinzas».

A chama reacendeu-se então, propagando-se a Lisboa e Torres Vedras e, com maior ou menor interesse, foi-se mantendo o referido culto.

I — Entretanto aparecem artigos e publicações sobre o glorioso taumaturgo.

Vários artigos e publicações aparecem, entretanto, preparando os caminhos que se trilharam depois; e embora S. Gonçalo de Lagos não seja ainda tão conhecido como seria para desejar — não só no Algarve como em todo o País e mesmo fora dele, pois os santos são universais — é incontestavelmente hoje muito mais conhecido do que então, em grande parte graças às Comemorações do VI Centenário do seu nascimento, iniciativa lançada em tão boa hora, nos seus traços gerais, no diário «Novidades».

II — Lisboa, onde S. Gonçalo de Lagos formou o espírito, inicia festivamente o seu centenário.

Lisboa quis, porém, dar início à parte festiva das comemorações e fê-lo com a maior união religiosa, precisamente no velho sítio de Almafala, isto é, na igreja do antigo Convento da Graça, onde S. Gonçalo de Lagos professou. Nessas festas, que foram realmente esplendorosas, como aliás foram também as realizadas no Algarve, não faltou sequer um pontifical solenís-

Continua na 2.ª página

A G. N. R.

prende os autores dos Furtos de Ouro, na Feira de Vila Real de St. António

27 fios de ouro, 12 relógios, 9 alianças, alguns fios de prata, 6 botões de prata, eis o rescaldo duma aventura que a G. N. R. desvendou

No passado dia 24 de Outubro, o sr. tenente José Augusto Rebelo, comandante da secção da G. N. R. desta cidade, acompanhado de uma patrulha de Vila Real de St. António, capurrou em Vila Nova de Cacela, por suspeita de haverem tomado parte em assaltos a um café e duas mercearias, Francisco José Gonçalves Xavier, de 19 anos, servente de pedreiro e José Cristo dos Santos, também servente de pedreiro, de 19 anos de idade.

Continua na 2.ª página

A CONFUSÃO

O SR. Ambrósio era daltónico em grau bastante anormal. Não havia nele apenas uma ligeira troca de cores ou impossibilidade de as distinguir. As células visuais apresentavam-lhe, do mundo que o rodeava, um aspecto diferente daquele de que o homem normal consegue aperceber-se.

Também o seu intelecto oferecia modo de ser que seria lícito considerar infra-normal, se, por razões muito semelhantes, não nos vissemos, dentro da justiça, na obrigação de

classificar do mesmo modo cerca de metade da humanidade.

Mas como se ia dizendo, o sr. Ambrósio, a par de trocar as cores, trocava muitas vezes também o aspecto das circunstâncias mais variadas.

Numa coisa era ele, entretanto, metucioso: na sua apresentação. Não lhe viessem com encadernações que não fossem da última moda, nem contassem que suprimisse algum dos quindins que a civilização decreta. Nisso pertencia à vanguarda.

Assim, como além de daltónico era também miope, deveria usar óculos e para eles escolhia as mais modelares armações. A última, por exemplo, era daquelas que não têm as hastes curvas em volta da orelha; mas direitas, e terminando em patilha que comprime ligeiramente o crâneo. Custou cara, sobretudo, mas o sr. Ambrósio tinha bons vencimentos e abonos.

O pior foi que há dias, pôs os óculos ao contrário e o resultado francamente, não se fez esperar: acto contínuo começou a ver tudo e todos de pernas para o ar. Não deu logo pelo caso, habituado como estava a ter uma visão pessoal, e ralhou com a criada por lhe ter posto na mesa, para o café, o serviço ao contrário. Voltou

Continua na 4.ª página

Artistas Mutilados

Como habitualmente, recebemos da Edar-Edições de Artistas Mutilados, Ltd., o calendário artístico para o ano de 1965 e os bilhetes postais de boas festas, reproduções de trabalhos dos artistas que pintam com a boca ou com os pés.

Trata-se sem dúvida de interessantes trabalhos dignos de apreciação e muito apropriados para serem utilizados durante a quadra festiva do Natal.

Quer os bilhetes postais quer o calendário serão uma interessante oferta quer pela beleza dos desenhos, quer pelo colorido. Todos os pedidos poderão ser dirigidos à Edar, Ltd.

Crónica de LISBOA...

por: LIBERTO CONCEIÇÃO

Caro Manuel:
Tens razão. Sim! Deves ter razão... Escrever sobre Civilidade neste desvairedo Século em que vivemos deve ser o mesmo que prègar no deserto. Assim a modos do que «deitar manteiga em focinho de cão!...»

Por isso vou seguir o teu conselho. Fala a experiência dos mais velhos (perdoa a indiscrição). Ponto final em civilidade. Veledades! Eu a pensar que podia ajudar a endireitar o Mundo... Ele que cada vez nos parece mais torto... mais retorcido!

«Prègar moral para quê? Se é prosa que ninguém lê...»

Tens razão! Por isso os nossos leitores da «outra época» nos desculparão. É preciso acompanhar a hora que se vive.

Sabes?! Já estou habituado a que alguns me chamem «nomes feios», como tu dizes. Principalmente na minha terra. Não me causam preocupações nem me alteram o sono, que é pesado. «Os cães ladram e a caravana passa!...»

Só não te perdão essa do «velho jacreta». E sabes porque? Porque continuo a lutar

Continua na 3.ª página



SEM PAIPAS NA LINGUA

Continuação da 1.ª página

V. Ex.ª que se ofendeu por eu ter misturado assunto diferente, à magna questão pois, segundo a vossa opinião, eu não devia ter mencionado o nome respeitoso da Ex.ª Sr.ª D. Maria José Rebelo, ilustre professora, por quem tenho a mais profunda admiração, nesse meu dito artigo.

Ai, não sabe o que essa palavra significa, verdadeiramente!

Pois tome nota dela:

«Tocado feminino antigo, usado especialmente pelas alcoveiteiras e meretrizes» (do art arab. ax-xarbiya).

Gostou?...

Com que então é do tempo em que as mulheres da ralé portuguesa usavam a repugnante ax-xarbiya? Então, perante semelhante afirmação, cheguei a esta conclusão cheia de carinho: — Oh! temos finalmente simples rabujeira de pobre e bom velhinho... Coitado!

Porém, pensei também de princípio, que se tratasse de algum dos rapazes infelizes nessa lamentável perseguição nocturna, às tais senhoras francesas, e procurasse V. Ex.ª, assim a sua incógnita que não é lá muito leal (nem digna de um Magriço, nem do meu conterrâneo Soeiro da Costa, seu bravo companheiro de armas nas onze ofendidas de Inglaterra), quando travámos polémica nos jornais. Quanto a mim, sempre de rosto descoberto e bem erguido, apanágio de todo o militar, que sabe honrar a sua farda e a sua honra, arcando com o peso total das responsabilidades.

A sua velhice, já que teve a coragem sincera de defender a posição da mocidade desviada dos seus principais deveres, impostos pelas sociedades chamadas civilizadas, não lhe dá direito às curvaturas vertebrais de toda a gente, só porque é velhinho e anda para aí a fingir-se formado em Filosofias e Letras!

Ainda que o fassel As universidades não passam alvará aos seus assistentes, com direitos à ofensa, à imoralidade e tótil espalhamento de asneiras! Quem semeia, quase sempre, sujeita-se a recolher...

E foi: semeou disparates a esmo e foi preciso que alguém lhe mostrasse e desenvolvesse a produção da sua imprevisita e lamentável sementeira. Não quer concordar comigo?

Neste seu último artigo procura deslumbrar aqueles que pensa serem incultos, mas engana-se impensadamente.

Nunca subi nem desci as escadarias das universidades. Este pouco que aprendi devo-o, única e simplesmente ao meu mui saudoso amigo e professor Ex.ª Sr. Joaquim Alberto Taquelim — o melhor professor do Algarve, no seu tempo — e ao meu saudoso e bom Pai que «ilustrou» o meu humilde cérebro com os seus salutares conselhos tão cheios de saber: — Respeita, para seres respeitado! Estuda os meus livros e os meus versos e eles te guiarão na vida que te talhei... não esqueças os livros de todos os homens de bem!

Toda essa constelação «princesca e realíssima», divagada no seu cérebro, «Prosódia», etc, tal arrancada cultural me intriga imenso, ao verificar que a pura existência de tais elementos, pretensa fonte de cultura deslumbrante, nenhum efeito predominou no seu cérebro finíssimo e prefulgente forçando-o a meditar nas tão doces e elevadas máximas de Jesus Cristo: — Não faças aos outros aquilo que tu não queres que te façam!

Encontrando-se V. devidamente integrado nestes primordiais princípios, certamente não teria nunca pegado na pena para colocá-la ao lado desses

rapazes imprudentes, desviados naquela noite tão alegre e tão triste do seu verdadeiro e significativo caminho.

Digo alegre e triste, porque era noite de festa e, portanto, só seria admitida alegria. Triste, pela nota chocante, inadmissível, existente, devido à falta de inteligência e à corrupção daqueles jovens cérebros — os quais deviam ter já ajoelhado aos pés de rev. Prior Guerreiro Rosa!

Volviendo à vossa jovem e principesca Alteza «Prosódia», preocupa-se de veras com essa lenga-lenga? Mas se ainda me não ouviu falar, mas se tem apenas lido os meus escritos, às vezes vindo a lume deturpados, gralhados, sem eu saber porquê, como pode ajuizar como é feita a minha pronúncia?

Começo por duvidar da pretendida cultura puríssima e da sua sapiência autoritária. Ainda se mostrasse um pouco o rosto, dizendo-me — sou tal... mas não: mostra-me apenas a vossa língua... cheia de «papas», saburra, desdenhosa e hilariante! Como pretende passar por Homem de Letras, não assinando obras majestosas e deslumbrantes, com um nome heróico e nobre, em vez de o empobrecer inutilmente com essas duas letras inferiores, desconhecidas?!

Muito embora eu nunca tivesse perdido o meu tempo a profundar demoradamente Suas Altezas, nem a Rainha-Mãe D. Gramática, mas para quê? Não espero «pregar aos peixes» no deserto desta vida, nem modificar os dicionários da Língua Portuguesa, de quando em vez... alterando a «constelação» gramatical do Relvas para o Ulisses Machado, deste para Zilhão, etc, etc... e vice-versa. Chamo eu a esta embrulhada o «Baile da Língua Portuguesa». Deixai, pois, a gramática aos gramáticos!

Iniciámos a nossa reprovação numa acção moralizadora e acabaram por nos arrastar para o campo complicadíssimo das Letras. E logo perante os majestosos pés de D. Gramática! Valha-me Deus!

Eu não sou doutor formado em Letras! Escrevo ao correr da pena... tanto se me faz que o sr. me diga que eu em filologia desconheço significação, que é do que trata D. «Semântica» e que eu sou pobrezinho em Sintaxe. O que vejo foi que o sr. não possuindo mentalidade sã, filosofia racional para discernir e manter uma polémica respeitosa, cultural, moralizadora, construtiva, se desviou a seu belo prazer, do caminho do bem, atacando deslealmente um homem humilde — o qual não tem medo dos seus argumentos de «peso»!

Já agora (não sei se sou mais novo, se mais velho) sempre desejo dar-lhe alguns conselhos... de graça:

Se tivesse seguido a infeliz ideia de se abeirar, como afirmou, das respeitáveis autoridades militares, com tais perguntas, arriscava-se a ouvir formalmente:

— Metam esse homem no calaboiço!... até que venha alguém buscá-lo para dar entrada numa casa de alienados!

«E que com as autoridades militares não se brinca, sr. «F.G.». Não sabia? De futuro tenha mais cuidado!

As autoridades jurídicas talvez lhe dessem bons conselhos... mostrando-lhe os artigos, parágrafos e alíneas do respectivo código, pagando-lhes o sr. todas as consultas, claro está.

As autoridades «civis», conhecedoras da acção descabida dos «seus moços» saberiam, muito bem, no caso de haver crime punível pela Lei, elaborar o respectivo processo e remetê-lo ao Tribunal onde também não são admitidas brincadeiras de espécie alguma.

Quanto às autoridades eclesiásticas, embora tivessem algumas palavras e pensamentos moralizadores para com senhoras que se descuidam, nestes tempos, por sítios onde homens-lobos vagueiam, sem se saber, passando por homens de bem, depois de ouvirem as suas dementadas afirmações, porque, com as coisas de Deus também não se brinca, e a memória dos mortos deve ser respeitada, pois o sr. acarretou para conjunto divertido da vossa hilaridade, heróis inesquecíveis a quem nós, portugueses, devemos a formação de Portugal! — teriam entrelaçado as nervosamente os dedos das suas mãos, levando-as sobre o peito, erguendo o busto, fixando os seus olhos cheios de bondade na doce imagem sacrificada do Bom Jesus, clamariam, condoídos, compadecidamente:

— Perdoai-lhe, Senhor, que ele não sabe o que faz!

E eu, sr. «F.G.», eu a quem deseja convidar para «carrasco» vilão de pessoas — que apenas me causam dó, tão somente diria silenciosamente, para mim, mesmo sem ser sacristão: — AMEMI!

Manuel Geraldo

P.S. — Ponho ponto final nesta lamentável polémica, não por me faltar bagagem literária nem argumentação filosófica para travar discussão respeitosa com «F.G.» que não conheço nem ficarei odiando, pois apenas somos antagonistas na nossa maneira de pensar nesta questão, a qual já não interessa à colectividade nem a coisa alguma deste mundo porque, diga-se, é pena perdermos tempo precioso e roubarmos espaço ao jornal com assuntos mesquinhos em vez de procurarmos construtivamente trabalhar, só e só, pela elevação do nosso querido Algarve!

O sr. F.G. esteve a divertir-se comigo no seu último artigo e, eu, também me recordei o direito de me divertir com o sr. neste jogo de letras. Tenha paciência!

M. G.

N.R. — Com mil desculpas da nossa parte pedimos vênias ao nosso prezado correspondente para abreviar alguns períodos sem lhes roubar o sentido e respeitando o estilo pessoal do Autor, facto esse a que nos sentimos coagidos por absoluta falta de espaço. Com este artigo pomos ponto final neste assunto que já se alongou demais.

S. Gonçalo de Lagos

Continuação da 1.ª página

simo, único em todas essas comemorações centenárias, uma procissão com a imagem do santo, a inauguração de uma lápida comemorativa num dos cunhais do templo da Graça, que é um cartaz permanente para toda a gente que por aí passa, ao mesmo tempo que se registava a presença de representantes dos inúmeros sectores da vida religiosa e social da capital do País, designadamente de um destacado catedrático, membro do senado da Universidade que o santo nosso comprovacionário frequentou com brilho extraordinário. Sómente foi pena não se ter repetido em Lisboa a bela ex-

A G. N. R.

prende os autores dos furtos de ouro

Continuação da 1.ª página

O Xavier, que há dias era procurado, confessou no posto de Vila Real que era autor dos furtos indicados e também do roubo feito na feira de Vila Real, com o João é Cristo dos Santos e um rapaz de Tavira que a G. N. R. veio a apurar tratar-se de Aldomiro Cipriano dos Santos Figueira.

Após uma acidentada investigação que demonstra muita pericia, a G. N. R. acabou por prender o Aldomiro, que se confessou cúmplice no roubo e disse que havia lançado os fios de ouro para a Horta das Canas e que deitara também oito relógios para o rio Gilão, em frente da Secretaria Judicial e que havia dado à mãe um fio de ouro, uns botões de punho em prata e uma pulseira.

Nos locais indicados e após denodados esforços, conseguiu a guarda reaver grande parte do furto.

Acompanhou todas as diligências o sr. tenente José Augusto Rebelo, sendo justo salientar a acção desenvolvida pela G. N. R. briosa corporação que muito tem contribuído para a manutenção da ordem interna do País e que mais uma vez conseguiu libertar a população algarvia dos assaltos destes três futuros grandes larápios.

Ao nosso prezado amigo e colaborador sr. tenente José Augusto Rebelo, felicitamo-lo muito sinceramente pela sua brilhante e inteligente actuação ao serviço da causa pública, no cumprimento da Lei que é lema da corporação a que honrosamente pertence.

posição realizada no Museu Regional de Lagos, o que contribuiria imenso para tornar mais conhecido S. Gonçalo, pois o que se verifica na capital tem sempre maior repercussão do que o realizado em qualquer terra da província por mais importante que seja.

III — A actualidade do exemplo dos santos, intérpretes da doutrina de Cristo.

Porém, à margem de todas essas actividades e seguindo a tradição de trazermos de vez em quando mais um pequeno subsídio para o conhecimento da figura de S. Gonçalo de Lagos, não quisemos deixar passar o ano sem o fazer.

É que S. Gonçalo bem o merece. O seu exemplo é actual como actual é o exemplo de todos os santos, fiéis intérpretes da doutrina de Cristo.

Os santos são realmente espelhos onde se reflectem a bondade, o amor, a justiça, a verdade, a humildade e todas as virtudes que podem exornar o espírito humano.

Os santos são os heróis da luta de todos os dias — a mais difícil de quantas há — bem mais difícil até que a expulsão duma cidade, como por outras palavras lemos num livro de máximas de vários autores célebres, compiladas por certo monje, cujo nome já caiu em completo olvido.

Os santos são centelhas do amor divino, dissipando as trevas do mal, numa palavra, o triunfo da virtude sobre o erro e as suas figuras gigantes mais se agigantam ainda passados séculos, como sucede com S. Gonçalo de Lagos.

IV — O 1.º Colóquio Gonçalino, realizado em Lagos, trouxe importantes achegas para o estudo e expansão do culto de S. Gonçalo

Têm-se escrito e publicado vários trabalhos e alguns deles de sólida erudição sobre esse lumiar algarvio, os quais servem de fundamento ao conceito que se tem da sua santidade.

O 1.º Colóquio Gonçalino, integrado nas brilhantes comemorações algarvias, trouxe excelentes achegas para o estudo e expansão do culto de S. Gonçalo de Lagos embora não nos devemos limitar só à parte erudita, dado que os santos não são apenas figuras históricas como muitas outras que passados alguns anos ninguém se lembra delas, nem aqueles que das mesmas receberam importantes benefícios.

V — Na pista do processo de beatificação de S. Gonçalo de Lagos organizado no Patriarcado de Lisboa

Não obstante tudo isso, tendo-nos aparecido no decorrer das nossas leituras e investigações mais um pequeno subsídio, desejamos revelá-lo, até porque quando se realizou a exposição gonçalina no Museu Regional de Lagos, faltou uma peça, cujo paradeiro agora encontramos na revista O Arqueólogo Português, de que foi director o sábio Prof. Doutor Leite de Vasconcelos.

Esse subsídio, é nem mais nem menos do que uma referência ao Processo de Beatificação e Canonização de S. Gonçalo de Lagos, encontrado por Monsenhor Alfredo Elvino dos Santos quando procedia à organização do Arquivo da Secretaria Patriarcal.

Ouçamos o que nos diz esse ilustrado sacerdote numa carta datada da Real Igreja Paroquial de Santa Engrácia, que fez publicar no Diário de Notícias de 6 de Outubro de 1905 e foi transcrita em Arqueólogo Português, volume x, página 330.

«Entre outros documentos dignos de menção, encontrei o processo de beatificação e canonização de S. Gonçalo de

Continua na 3.ª página

Casa do Povo de Santo Estêvão de Tavira
Convocatória

De harmonia com o artigo 90.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária, constituída por todos os sócios efectivos no pleno gozo dos seus direitos de voto, a reunir na sede deste Organismo no dia 15 do corrente mês de Novembro, pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

Eleger os corpos gerentes e o 2.º vogal da mesa, que hão-de servir no triénio 1965-1967.

Casa do Povo de Santo Estêvão de Tavira, 26 de Outubro de 1964.

O Presidente da Assembleia Geral
Joaquim de Mendonça Lindo

Casa do Povo de Santo Estêvão de Tavira
Convocatória

De harmonia com o art. 95 dos estatutos, convoco todos os sócios contribuintes, a reunir na sede deste organismo, no dia 8 do corrente mês de Novembro, pelas 19 horas, a fim de eleger o Presidente da Assembleia Geral e o vogal seu substituto, que hão-de servir no triénio 1965-1967.

Não comparecendo a maioria dos sócios contribuintes, fica a mesma reunião convocada para o dia 15 do mesmo mês, e à mesma hora, acima indicada.

Casa do Povo de Santo Estêvão de Tavira, 26 de Outubro de 1964.

O Presidente da Assembleia Geral
Joaquim de Mendonça Lindo

S. GONÇALO DE LAGOS

Continuação da 2.ª página

Lagos, cujas relíquias se encontram na igreja da Graça de Torres Vedras; o breve de Pio VI, se bem me recorde, em virtude do qual o Sr. Cardeal Patriarcha, como capelão-mór, pode conceder jurisdição a todos os capellães militares para exercerem as suas ordens em qualquer diocese do reino, ilhas adjacentes e ultramar.

É curioso notar ser o breve sobre os capellães militares precisamente do papa que elevou S. Gonçalo de Lagos às honras dos altares e ter sido também, sob a égide de S. Gonçalo de Lagos, que se iniciou em nossos dias o apostolado no meio militar português, até então pode dizer-se abandonado. Coincidência curiosa!

Mas onde se encontra hoje esse documento, com as andanças do paço patriarcal após a implantação da República? É motivo para investigar e nós próprios, se nos fosse possível o fariamos de boa vontade.

Como se viu, a pequena referência ao processo de beatificação e canonização pode ser útil aos estudos sobre S. Gonçalo, para mais com a existência do nóvel Grupo de Estudos Gonçalinos em que nem sequer falta um interessante boletim trimestral.

É certo que para se poder glorificar um santo são necessários, antes de tudo, actos de piedade, os quais devem culminar na oração sincera e humilde e na comunhão eucarística, a força mais poderosa e o tesouro mais precioso a que toda a alma crente pode aspirar.

Nesta ordem de ideias uma boa parte do reverendo clero algarvio quis associar-se à campanha em marcha, inaugurando imagens de S. Gonçalo nos seus templos com actos de piedade do género dos anteriormente indicados e dentro de alguns meses, S. Gonçalo será proclamado padroeiro dos pescadores do Algarve.

Foi com actos dessa natureza paralelamente à restauração do Nicho de S. Gonçalo de Lagos que a renovação do culto desse luminar da Ordem dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho se iniciou. Todavia, os estudos eruditos têm também o seu papel importante, pois fundamentam o conceito de santidade de quem se pretende elevar às honras supremas dos altares.

A leitura desse processo de beatificação e canonização de S. Gonçalo de Lagos (repare-se bem na expressão), pode ter muito interesse e servir até de fonte de consulta no prosseguimento dos estudos gonçalinos, especialmente naquella parte que é mais das atribuições das autoridades eclesiásticas do que dos leigos. E esse interesse certamente virá até porque a própria Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, que enviou do Mosteiro do Escorial uma destacada figura ao 1.º Colóquio Gonçalino, sentirá enorme alegria, como é natural, em ver um dos seus frades figura universal da Igreja.

Espariz-Central

Todas as estações da rede ferroviária vendem bilhetes e aceitam a despacho bagagens e mercadorias para Espariz-Central.

Por seu turno, em Espariz-Central vendem-se bilhetes e aceitam-se a despacho bagagens e mercadorias para qualquer estação de Caminho de Ferro, ou mesmo para qualquer localidade servida pela Camionagem combinada.

No seu próprio interesse, utilize este novo serviço combinado.

Questão de ponderar

Continuação da 1.ª página

Vende-n-se não se sabe para que, mas sabe-se porquê. O proprietário destina o dinheiro, em geral, à compra de prédios nas cidades mais populosas e cruza as mãos aos encargos do trabalho.

Cruza as mãos, supõe. Na verdade, lidar com dinheiro é uma ciência que requer tacto e tino, muito espírito de orientação e até certos predicatos a que em geral só o hábito conduz.

As sortes grandes, os grandes empréstimos as heranças consideráveis, em geral, só momentaneamente representam melhoria de situação. O seu próprio carácter furtivo concorre para uma dissipação rápida e improficua, considerações estas que deviam levar a sério estudo os que põem os bens em leilão, a quem dá mais, e sem lhes fazer notar o sentido contra a Nação que o seu procedimento implica. Do contra a Nação, do contra a província, devemos nós absolvê-los, pois a sua estreita mentalidade gananciosa não atinge ideias tão acima do seu nível mental.

Se considerarmos o assunto sob o ponto de vista social não chegaremos também a quadros de cores mais risonhas.

Os que viviam desses terrenos e para eles, não eram somente os proprietários. Fica a flutuar no desemprego uma quantidade de braços. Fica a fortuna (conceda-se...) a bater à porta de um e a fome a entrar em casa de uma ou duas dezenas de famílias.

Que háo-de fazer? Naturalmente emigrar para onde houver trabalho, e, assim, os filhos duma província de clima benigno andam por terras alheias grangeando o pão, no clima ríscroso das mesmas, e vamos abrir os braços que fechamos aos nossos, aos que, pelo seu nascimento e ascendência, tinham a resistência física mais apropriada às regiões onde sempre viveram.

Não consideramos aqui o aspecto político que tem hoje, e se agravará com o tempo, a incursão permanente de estrangeiros, com as suas habitações, indústrias, comércio, ensino, pessoal e outras aderências, co habitando na nossa província. Pode levar a hipóteses das mais graves.

Mas entretanto, enquanto nos congressos se ventila a questão, enquanto os prudentes e bem avisados a encaram, o Algarve, parcela hoje, parcela amanhã, vai sendo posto em leilão, e a indústria do turismo de que tanto se fala, de que tantos esperam o futuro (já não se precisa mais nada!) vai ser realmene industria de Turismo mas, para os de fora. O Algarve, vendo o que é seu definir dia a dia, contentar-se-á com o papel de triste espectador do progresso... alheio, batendo no peito pela fortuna que a sorte lhe deu e que por um bem escasso e de pouca dura deixou fugir das suas mãos e roubou ao seu próprio País.

TOTOBOLA

9.ª jornada 8/11/964

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

1	Braga — Belenenses.	x
2	Académica — Benfica	2
3	Cuf — Porto	2
4	Leixões — Varzim	1
5	Sporting — Setúbal	1
6	Lusitano — Seixal	1
7	Torreense — Guimar	2
8	Oliveirense — Peniche	x
9	Feirense — B. Mar	2
10	Salgueiros — Covilhã	2
11	Beja — C. da Piedade	1
12	Oriental — Olhanense	2
13	Atlético — Barreirense	x

Jorge Cruz

Crónica de Lisboa

(Continuação da 1.ª Página)

desesperadamente para manter, — já não digo o físico (os anos não perdoam) — mas pelo menos o espírito com aquella juventude que não desejava que se extinguisse tão cedo! Quero continuar a manter o mesmo espírito de sempre! Quero poder continuar a escrever estas «Crónicas de Lisboa» com o mesmo desassombro com que escrevia os meus «Apelos, Sugestões e Alvitres», de triste memória!... E isso só poderá ser possível se o teu amigo nunca chegar a ser (em espírito, é claro), o tal «Velho Jarreta» que tu preconizas.

Pode envelhecer o corpo! O que desejamos é que esse fluido que em nós existe, se mantenha, não dizemos com o fulgor dos 20 anos... ou a exuberância revelada por um Maurício Chevalier... mas pelo menos para que vá alimentando este desejo de contactar com os leitores do teu «Povo Algarvio».

Falar de «bossa nova», do «Swing» e do «Twist»... como queres que o faça se somos do tempo dos tangos do Carlos Gardel Sentes tu, coragem para dançar o Rock?... Eu, mesmo que o quizesse tentar o meu «menisco» não autorizava!

Escrever acerca dos Eusébios e dos Simões... não penso nisso porque os que escrevem, como nós, por carolice, para os Jornais da província, — essa pobre engeitada que é a Imprensa Regional, — não têm acesso aos locais onde se pratica Desporto... e os bilhetes de ingresso aos Estádios só são acessíveis a milionários! De política, não, Manuel! Não me interessam os Krustcheff... os trabalhistas de Londres ou de qualquer outra parte do Globo.

De «Beatles» e «Flausinas» ainda vou falando de vez em quando porque são «espécies» que abundam por esta Lisboa. Olha! Uma novidade! Acaba de invadir as Livrarias da Capital do Império um livro: «Cartas de Amor aos Beatles» — capa vermelha onde dentro de inflamado coração surgem as amorosas figuras dos 4 gue-delhudos — George, Paul, John e Ringo — os personagens do «Show» mais sensacional do Século XX, que foram fonte de inspiração de amorosas missivas que enchem as páginas de tão «saboroso» livro.

Quero que saboreis alguns desses momentos de paixão feminina. Escolhi 3 cartas ao acaso. Ai as tens:

Queridos Beatles:

Vi-os quando desembarcaram no Aeroporto, em New-York. Quase me mataram e estava afastada de vocês apenas 2 metros. Toda a gente ficou louca. Torci um tornozelo, rasgaram-me o vestido, arranharam-me a cara e tenho um olho negro.

Não é maravilhoso?

Adoro-vos a todos.

Cookle E.
Queens, NY.

... Então não é maravilhoso, Manuel!...

Meu querido John:

Esta carta será muito curta, pois tenho lágrimas nos olhos. Jamais poderei amar ou casar com outro. Ninguém mais me terá nos seus braços nem outros lábios me beijarão, pois para mim tu és um Deus Grego. És a nona maravilha do Mundo.

Amar-te é tudo o que posso fazer.

Karen R.
Seattle, Washington.

... Que diriam os Deuses Gregos se ressuscitassem?! A nona maravilha!!!...

Meu querido, doce, sensacional «Sexy» George:

Estou completamente louca por ti! Qualquer dia vou ter contigo e nunca, nunca, nunca mais te largo. A maneira como sacodes a cabeça durante o «Show»... Oh! realmente empolga-me!

Com todo o meu amor,
Amy B.
Filadélfia.

... que tristeza, não achas? E contudo o livro vende-se... esgota-se! Que louco Mundo! É tudo por hoje, Manuel! Como vês faço a vontade aos «tais amigos» que já estavam a chamar-me «nomes feios» só porque tive a intensão de mostrar à «mocidade de hoje» como era educada nas Escolas Primárias a «mocidade de ontem»!

Contigo não me ofendo, podes crer, até porque o jornal é teu e tu, melhor do que ninguém, sabes «qual é a prosa que todos lêem»...

Um abraço amigo do rabis-cador destas Crónicas,

LIBERTO

NECROLOGIA

Manuel Domingues

Faleceu em Lisboa o sr. Manuel Domingues, de 64 anos, natural de Tavira. Deixa viúva a sr.ª D. Isabel Mariana Domingues.

D. Maria Francisca Xavier da Graça Horta

Com a avançada idade de 87 anos, faleceu nesta cidade a sr.ª D. Maria Francisca Xavier da Graça Horta, natural de Santa Catarina da Fonte do Bispo viúva do sr. Manuel Joaquim Horta e mãe da sr.ª D. Maria de Lurdes da Graça Horta, funcionária da Fundação Gulbenkian, ao serviço da Biblioteca.

Era tia do sr. Henrique Gago da Graça, casado com a sr.ª D. Caetana Lopes Graça; do sr. Dr. Renato Mansinho da Graça, casado com a sr.ª D. Celeste Graça; do sr. eng.º José Eusebio Mansinho da Graça, Director da Hidráulica do Tejo, casado com a sr.ª D. Margarida Martins Graça e da sr.ª D. Maria Virgínia Fialho Gomes, casada com o sr. João Madeira Gomes, Tesoureiro da Caixa Geral dos Depósitos.

A extinta, que gozava de gerais simpatias e era muito estimada no nosso meio, exerceu o magistério primário durante 40 anos, na Escola Feminina desta cidade.

O seu funeral, que foi muito acompanhado, realizou-se às 16 horas do dia 29 do mês findo, tendo havido missa de corpo presente na capela do Calvário.

A's famílias enlutadas endereçamos sentidos pésames.

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Maria José Horta Ramos Rodrigues, D. Maria dos Santos Lopes, srs. Eduardo dos Santos Ramos, Joaquim Augusto dos Santos e Felício António dos Santos.

Em 2 — D. Maria Isabel Correia e o menino Jorge Eduardo das Chagas.

Em 3 — Dr.ª D. Maria Ana Faleiro Magalhães Palma Rodêa e os srs. Manuel Alexandre dos Santos Junior, António Pacheco Mendonça e Fernando José dos Santos.

Em 4 — D. Lúcia do Nascimento Leiria, D. Júlia dos Santos, D. Maria dos Anjos Magro Caetano Gonçalves, Mlle Maria Margarida Galvão Cansado e o sr. Idalécio Carlos Martins.

Em 5 — D. Maria Isabel B. Olimpio, sr. Dr. Rui João Aboim de Faria Pereira e meninas Rita Maria Fernandes Correia Celorico e Isabel Maria Bernardo Pimpão.

Em 6 — M. Maria Leonor da Vaz Figueiredo, D. Maria Cândida da Fonseca e Silva e os srs. Casimiro Eduardo dos Santos e Carlos Alberto Leiria Ambrósio.

Em 7 — D. Celestina Lucinda Vaz Figueiredo, D. Maria José Brito Gago Cansado, D. M. Maria Mendonça Coelho da Palma Passos Valente, srs. António Tomás Viegas Pires, Sebastião Artur Santana e os meninos Carlos Alberto Trindade Madeira Gomes e Joaquim de Oliveira Madeira.

Partidas e Chegadas

— No gozo de férias encontra-se nesta cidade a nossa conterrânea e assinante sr.ª D. Arlete Viegas, residente na Amadora.

— Após ter passado as suas férias em Tavira regressou á sua casa em Lisboa, a nossa conterrânea e assinante sr.ª D. Maria Alice Galhardo, esposa do nosso prezado amigo e conterrâneo sr. capitão Joaquim Maria Galhardo.

Casamento

Realizou-se no passado dia 10 de Outubro, o enlace matrimonial do sr. António Cipriano Gago Silva, empregado da Câmara de Tavira, filho do sr. Francisco Silva, também funcionário municipal e da sr.ª D. Maria do Carmo Gago, já falecida, com a sr.ª D. Maria Judite Brito dos Reis, filha do sr. Quintino Herminário dos Reis, proprietário e da sr.ª D. Maria Adélia Pires de Brito, residentes em Santa Margarida.

Apadrinharam o acto por parte da noiva o sr. José Pires de Brito, de S. Brás de Alportel, e a sr.ª D. Maria Adélia Pires Corvo de Mendonça, de Santo Estêvão, e, por parte do noivo, o sr. Constantino Estêvão Mendonça e sua esposa sr.ª D. Maria Cândida de Brito Marques, residentes na Luz de Tavira.

Nascimento

Em Johannes Burg, onde reside, no dia 7 de Outubro, teve o seu bom sucesso dando á luz dois gémeos, a sr.ª D. Maria Bertille H. de Mendonça Guerreiro, esposa do nosso assinante sr. Júlio Rodrigues Guerreiro, mecânico de ascensores, ambos residentes naquella cidade.

Mãe e filhos encontram-se bem.

J. A. PACHECO
TAVIRA

Fábricas de moagem de
farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada
a um escrupuloso fabrico fazem
com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do
público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

NITRATOS
DE
PORTUGAL

Em cerca de 10 anos a Austria passou do consumo anual de azoto das 6 200 toneladas para 64 300 e está agora nos 25 quilos de azoto por ano e por hectare. Portugal que anda pelos 18 quilos por ano/hectare e está a crescer cerca de 20%, nos nitratoammoniacais, só daqui a uns cinco anos deverá ter atingido aqueles níveis.

Consuma azoto nos adubos
NITROLUSAL, NITRAPOR e NITRATO de CALCIO
de **NITRATOS DE PORTUGAL**
que são os adubos das boas colheitas. São bons adubos.

Bradando aos Céus!

A Igreja das Freiras, templo velho, pegado com a Escola Industrial Vitorino Damásio, ou melhor: a Escola é que está pegada à Igreja, pois tais dependências foram pertença do chamado Convento das Freiras, encontra-se, exteriormente, em estado deplorável de conservação! As suas paredes caíram do. Parece que o diabo afugentou dali os pedreiros e os ca'adores! Agora, aquele bellissimo templo, onde eu em menino e moço ouvira tanta vez Missas e Sermões educativos, de Párocos Reverendíssimos, encontra-se fechado, morto, num silêncio noturno, sepulcral!

Ali não há vida. Aquela vida cristã, onde a doce voz de Deus, omnipotente, se fazia representar pela voz dos Homens conscientes da sua nobre missão, em prol de uma humanidade sofredora, louca, criminosa — para uma nova Humanidade, Altiiva, Pura, Boa, Justa e Santa, verdadeiramente Santa! Porque seria, pois, que aquele saudoso templo — das muitas saudosas Procissões das Freiras, fechada assim a sua larga porta e fóra destinado ao triste abandono em que se encontra?!

Um Homem de Bem...

O meu conterrâneo, sr. Doutor Guerreiro Tello — médico ilustre, que ainda estudante de medicina tem trabalhado esforçadamente por Lagos, pois vi-o ao serviço da Medicina, durante a terrível *Pneumônica*, em 1918, quando ainda não estava formado, correndo, ansiosamente, até junto dos doentes — enquanto alguns médicos se fecharam em suas casas, amedrontados da morte!

O Doutor Tello, como é conhecido em Lagos, é um daqueles médicos que não enriqueceram com a Medicina! Antes pelo contrário: tem vendido algumas das suas propriedades, herdadas de seus pais.

Esse lacobrigense, compenetrado nos seus elevados deveres para com a terra onde nasceu, quando eu humilde presidente da Caixa Escolar da Escola Primária do Chincato, chamando a atenção do então presidente da Câmara, sr. José Filipe Fialho, para a indecorosa forma como as crianças, de ambos os sexos, faziam as suas necessidades a esmo, simplesmente amparadas nas moltas de zambujelo, pelo motivo da dita Escola não possuir retretes.

O sr. Filipe Fialho, em uma afaibildade para mim inesquecível, logo compareceu no local, estudou a questão e resolveu-a imediatamente, recebendo dos Poderes Públicos todo o apoio necessário.

Porém, o Doutor Tello ofereceu o terreno e o Estado construiu a nova Escola, dignificando, assim, a nossa terra e os seus habitantes, no campo instrutivo.

Agora, o sr. Doutor Tello, mais uma vez, se esforça por Lagos: acaba de oferecer-nos um admirável estabelecimento clínico, no próprio prédio da sua residência, onde já funcionam os serviços médicos sociais, ou seja a Delegação Clínica da Federação de Caixas de Previdência.

Bem haja, enfim, este Homem!

Meu caro Piscarreta:

O Artigo 12.º da chamada Lei da Imprensa, diz-nos declaradamente, compreensivelmente:

«Não são proibidos os meios de discussão e crítica de diplomas legislativos, doutrinas políticas e religiosas, actos do Governo, das corporações e de todos os que exercem funções públicas, com o fim de esclarecer e preparar a opinião para as reformas necessárias pelos trâmites legais e de zelar a execução das leis, as normas de administração pública e o respeito pelos dos cidadãos».

Evidentemente, este direito dado aos publicistas, tem condições especiais e inesquecíveis: tudo terá de ser tratado com termos respeitáveis, enfim, com elevada educação, a educação primordial que toda a gente tem o direito de receber e... o grande dever de retribuir.

Afirmou o bom amigo no n.º 394 do *Jornal do Algarve*: — Poderão os proprietários manter o seu património com os encargos que de dia para dia se avolumam?

Sousa Piscarreta é proprietário e sabe bem o que lhe custa orientar o ciclo agrícola anual.

Quem o lê e o desconhece, julga-o, certamente, contrário à política do Governo!

Mas não: Sousa Piscarreta está com a boa política do Governo. É um bom cristão e um cidadão honesto. Ama a Justiça, na sua elevação profunda e ingénua.

Porém, Sousa Piscarreta, o nosso Governo, toda a Nação o sabe: precisa, mais do que nunca, num cenário suficiente para resolver os múltiplos e gravíssimos problemas surgidos nos últimos tempos, resultado da injusta e insultuosa pressão internacional movida contra o nosso património! É

preciso que todos os bons portugueses compreendem bem isto!

O Governo, seja ele qual for, tem a obrigação de haver todo o dinheiro necessário à sua orgânica, esteja ele nas mãos seja de quem for — nas mãos honradas dos bons portugueses!

Esses portugueses, sem o mais leve clamor, têm o grande dever de o entregar — porque esse dinheiro será para o salvamento da nossa querida Pátria, agredida por mão estrangeira, cobiçosa, nefanda!

Quando o Governo da Nação lança determinado Decreto-Lei ao conhecimento público, ele passara demoradamente pelas mãos de todos os Ministros e dos seus Deputados, antes de receber a respectiva aprovação. Portanto, tais Decretos foram bem estudados, e o seu teor, é de reconhecida necessidade para o bem da Nação.

Amigo Sousa Piscarreta: felizes de nós todos, por ainda não ter sido preciso os portugueses, unidos, num gesto espontâneo, dignificante, patriótico, entrarem, rápidos, nas suas casas, desde as mais ricas às mais humildes as mulheres os seus anéis, anecadas e cordões de ouro, os homens todo o seu dinheiro, lançando-o na colcha rebedora, num amontado rebrihante, riquíssimo, destinado a fortalecer o Erário, a fim de vencerem na luta vil, empreendida pelos nossos ferozes inimigos!

Crelo bem que, Piscarreta, bom português, compreenderá e concordará comigo, como sempre...

Manuel Geraldo

CONVITE

A Mocidade Portuguesa Feminina, por intermédio da Subdelegação Regional, tem por bem convidar todos os Dirigentes, filiados e filiadas, autoridades militares e civis, colectividades e entidades oficiais ou particulares, militares e suas famílias e o público em geral, para a missa que amanhã, dia 2, manda celebrar em Santa Maria do Castelo, às 11 horas, por alma de todos os que morreram ao serviço da Nação Portuguesa.

A Confusão

Continuação da 1.ª página

a chavena e o bule e o resultado foi o chá correr pela toalha abaixo.

Para não dar o bracinho a torcer, contentou-se com trincar às secas uma torrada, e de pé, porque ao sentar-se na cadeira deu tamanho trambolhão que não seria de meia noite mas foi concerteza de nove horas.

Saiu a dar uma volta pela avenida. Notou logo que o chiqueiro público (como ele chamava) se tinha convertido em verdadeira higiene pública.

O chão estava muito varrido, todo betumado duma camada por igual, sem covas nem montículos. Felicitou-se e aos serviços da limpeza.

Mais adiante, porém notou que o céu se encontrava nublado, de esquisito aspecto. Parecia até cheio de folhas secas, papéis e outros detritos. A sua confusão aumentou quando viu os homens da limpeza, com dois pucarinhos de alumínio, botarem lá para dentro algumas folhas e algum lixo, só o que julgavam apto para entrar nos recipientes. O sr. Ambrósio o estranhou que as leis da gravidade estivessem tão alteradas que tudo aquilo se mantivesse no ar, sem suspensão visível.

Mais estranhou que os rapazinhas de bibe branco se dirigissem à escola de cabeça no chão e pezinhos no ar.

— São muito incorrectos! — participou aos seus botões — os professores deviam castigá-los ásperamente.

Mas o pior foi quando o sr. Ambrósio viu passar rente a si a D. Atanagilda, com a saca das compras na mão, o casaco de peluche verde e o peito recamado de colares e jóias.

Apesar do seu cerimonioso preparo, a senhora ia... de

GAZETILHA

ELES, ELAS E AS FERAS...

*Esta história das francesas
Tem já sabor de proezas
De bando internacional,
O assalto luso-francês
Em estilo bem português
Merece ponto final.*

*Se os moços são atrevidos,
Pra que dão elas ouvidos?
Pois, quando há proezação,
Para acalmar o quebranto
Há sempre um remédio santo
E oportuno — o bofetão.*

*Se eu fosse jovem, enfim,
Se elas gostassem de mim
E contasse com tal triunfo,
Nem que quebrasse as costelas,
Eu correria atrás delas
Tê ao Arco do Triunfo...*

*Pra pôr termo à contradança
Com essas damas da França,
Num rasgo de gentileza,
Em termos muito optimistas,
Eu convidó os polemistas
A cantar a Marselheza.*

*Outra proeza surgira
De um turismo mais galhardo:
Veio, tal como se previra,
Veranear pra Tavira
Um atrevido javardo.*

*Não sei se veio de Paris,
Da Rússia ou do Panamá,
A verdade é que o petiz
Teve a ideia infeliz
De vir passear pra cá.*

*Enjiou a carapuça,
Vinha feito marraheiro
Com a sua grande tussa,
Mas astando a dentuça
Para qualquer golpe certeiro.*

*E sem provocar alardo,
Um homem de arma na mão,
Junto da moita de um cardo,
Fez expirar o javardo
Em terras da Conceição.*

*Quanto ao veado, esse então,
Não sei quem foi que mo disse:
Vaidoso da armação
Anda alheio à javardice.*

Zé da Rua

Assinalo «Povo Algarvio»

pernas para o ar e cabeça ao rés do chão.

O bom do sr. Ambrósio, desta vez não se dirigiu aos confidentes do costume, os seus botões, foi bater à porta da própria consciência para lhe dizer que não se sentia tranquilo. Seria caso que se usasse agora andar de cabeça no chão e ele estivesse a cometer uma incivildade e deselegância, em face do público?

Atordado, dirigiu-se ao escritório. Viu o candeeiro do átrio levantar-se do chão e o contínuo, de pernas para o ar, dava-lhe os bons dias.

Desorientado, o sr. Ambrósio sentiu uma vertigem, fez-se pálido e iria cair se o contínuo o não amparasse.

— Não sei o que tenho! — disse, a custo.

— Se dá licença, sr. Ambrósio, o que me parece é que o sr. tem os olhos ao contrário — respondeu o homem cheio de boa-fé, não contando aqueles que, mesmo sem óculos trocados, andam vendo e pondo o mundo às avessas, para dar vertigens aos outros.

UM ANIVERSARIO

Comemorando no dia 3 de Novembro de 1964, o 39.º aniversário da Papelaria «Casa Brasil», o seu proprietário e nosso dedicado anunciante sr. Manuel Alexandre dos Santos Junior, cumprimenta o Povo de Tavira, seus amigos e dedicados clientes.

CASA

Vende-se com quatro divisões, bem situada, no Livramento, junto à Igreja.

Quem pretender dirija-se a João de Sousa Gorgulho, no referido local.



Pela Provincia

Castro Marim

Obras de restauro — Iniciaram-se na semana finda, as obras de reparação da fachada do edificio da Igreja de Nossa Senhora dos Mártires, belo monumento religioso digno de ser admirado por turistas nacionais e estrangeiros. Estamos convencidos que o seu começo está a satisfazer todos os castromarinenses.

Nova estrada — Também no Castelo começaram a fazer uma estrada para aquele monumento nacional, obra de que muito vem a lucrar o turismo, visto ser visitado diariamente. Devemos lembrar que a igreja de Santo António é monumento nacional e que não está acabada a reparação e o caminho que dá acesso à referida igreja está em péssimo estado de conservação.

Perigo para as Crianças — Há 17 anos que foram construídas umas escolas nesta vila, e a vinte metros fica um poço chamado «Poço da Ordem» O poço em causa constitui um perigo para as numerosas crianças que frequentam aqueles estabelecimentos de ensino, uma vez que se encontra destapado.

Por estranho que pareça, nunca algum dos numerosos professores que têm leccionado nesta vila se lembrou de chamar a atenção do sr. presidente do município para a premente necessidade de colocar uma tampa e uma bomba, dado que descoberto como o mesmo se encontra, poderá um dia ser motivo de lamentável acidente. — C.

Alcoutim

Casamento — No dia 24 do passado mês de Outubro, celebrou-se com toda a solenidade na igreja matriz de Alcoutim, o enlace matrimonial da sr.ª D. Ludovina Maria Martins, gentil filha do sr. Manuel Silvestre, e da sr.ª D. Ludovina Francisca Rodrigues, residente em Cortes Pereiras, com o sr. Manuel Francisco Pereira, 2.º sargento do Exército, filho do sr. João Francisco Marques e da sr.ª D. Almerinda Maria, também residentes em Cortes Pereiras.

Apadrinharam o acto por parte da noiva, as sr.ªs D. Maria Augusta Calmota Amaral, por procuração e D. Maria José Rodrigues; e por parte do noivo, os srs. João Baptista Nunes e Casimiro Francisco Afonso.

Após a cerimónia foi servido um lauto copo de água e um jantar em casa dos pais da noiva, aos convidados, seguindo os noivos no dia seguinte em viagem de núpcias, tendo fixado residência em Tavira.

Ao novo casal desejamos muitas felicidades. — C.

Vende-se

Casa térrea com 7 divisões, na Travessa dos Fumeiros de Traz n.º 7 e 9.

Trata-se no Largo do Carmo n.º 21 — Tavira.

UMA MISSA NO EXTERNATO DE N. S. DAS MERCÊS

Por determinação da respectiva proprietária, sr.ª Dr.ª D. Mariette Mercês de Oliveira Bomba e Garcia, será celebrada missa seguida de «Liberatio» na Capela privativa do Externato de N. S. das Mercês, à Bela Fria, no próximo domingo, dia 8 do corrente, pelas 16 horas, pelo eterno descanso das almas dos antigos alunos falecidos do referido estabelecimento de ensino e, de um modo especial, em sufrágio da alma do indito furlriel miliciano José António Baioa Vaz, também antigo aluno, uma das vítimas do trágico acidente de aviação de São Salvador do Congo (Angola) e comemorativa do 1.º aniversário da sua morte.

Não há convites especiais, pelo que se devem considerar convidados, além do Director, professores e actuais alunos, os antigos professores e colegas dos extintos seus pais, familiares e outras pessoas das suas relações e amizade e ainda todos os que queiram associar-se à justa homenagem que, por esta forma, se pretende prestar à saudosa memória dos sete jovens estudantes, que a morte já ceifou desde 1952 e cujos nomes damos a seguir:

Didier Arrais Horta, natural de Vila Real de Santo António, filho do sr. Manuel Segismundo Horta e da sr.ª D. Maria da Conceição Arrais Horta, falecido em 13/8/52, com 18 anos.

José Américo das Dores Teixeira, natural de Santa Maria (Tavira), filho do sr. Manuel José Teixeira e da sr.ª D. Maria das Dores, falecido em 2/9/55, com 20 anos.

João Marques de Campos, natural de Santa Maria (Tavira), filho do sr. João Higinio Gonçalves de Campos e da sr.ª D. Maria Joana Marques de Campos, falecido em 28/10/56, com 19 anos.

João Manuel Padinha Rosado, natural de Santa Maria (Tavira), filho do sr. George Alberto Soares Rosado e da sr.ª D. Maria Cristina Padinha Ribeiro Rosado, falecido em 28/5/60, com 11 anos.

João Luciano Mendonça Simão, natural de Santo Estêvão (Tavira), filho do sr. Segismundo dos Santos Simão e da sr.ª D. Maria Edviges Simão, falecido em 8/3/63, com 20 anos.

José António Baioa Vaz, natural de Mértola, filho do sr. António da Costa Vaz e da sr.ª D. Maria Angelina Simões Baioa Vaz, falecido em 8/11/63, com 24 anos.

João Pedro Soares, natural de São Tiago (Tavira), filho do sr. Manuel Joaquim Craveiro e da sr.ª D. Maria Cândida Soares, falecido em 10/8/64, com 16 anos.

Emílio Campos Corea

Médico especialista

Doenças dos Olhos

Consultas em Tavira, no Montepio dos Artistas, todas as sextas-feiras, pelas 11 horas

ESTE SEMANÁRIO É TRANSPORTADO PARA TODO O PAÍS NOS COMBOIOS DA

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos

Rua António Enes, 5 — LISBOA 1

ÉDITOS DE CONCESSÃO

Faz-se público, nos termos e para os efeitos do art.º 22.º do decreto n.º 15 401 de 17 de Abril de 1928, que a Misericórdia de Tavira requereu a concessão da nascente de água mineral-medicinal denominada Termas de Santo António de Tavira (Reg.º n.º 4) situada na freguesia de Santiago, concelho de Tavira, distrito de Faro, registada na Câmara Municipal do referido concelho em 18 de Setembro de 1964 e convidam-se todas as pessoas a quem a citada concessão possa prejudicar, a apresentar as suas reclamações neste Ministério dentro do prazo de sessenta dias, contados da data da publicação deste édito no Diário do Governo.

Repartição de Minas, 25 de Outubro de 1964.

O Engenheiro Chefe da Repartição,
António Rodrigues dos Santos

Agente Técnico de Engenharia